

Em Planaltina de Goiás, fábricas de tijolo retiram toneladas de argila, abrem crateras e podem matar a lagoa Formosa

AGONIA A CÉU ABERTO

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

A formosura vira pó em Planaltina de Goiás, a 60 quilômetros de Brasília.

Antes alagada, a região que concentra as nascentes da Lagoa Formosa está se transformando em um deserto arenoso. A causa é a exploração desenfreada do solo, com a retirada semanal de toneladas de argila para abastecer cinco fábricas de tijolos e cerâmicas da cidade. Ao saírem carregados de barro úmido, os caminhões dessas indústrias abrem crateras no chão, põem em risco a sobrevivência da lagoa — única atração turística da cidade — e ameaçam o abastecimento de água da população.

O problema motivou uma manifestação inédita na cidade, também conhecida como Brasilinha. Para chamar a atenção das autoridades, o fazendeiro Henrique Pinto, 42 anos, acorrentou-se à sede da prefeitura na manhã de ontem e só concordou em sair de lá e levar embora suas faixas de protesto se a polícia registrasse ocorrência de crime ecológico. “Nos últimos cinco anos, a margem original sofreu um recuo de quatro quilômetros”, observou Henrique Pinto.

A delegada Nilza Cândida Moreira concordou com a reivindicação e fez a ocorrência. “Estamos pedindo um laudo para o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e, em um mês, poderemos oferecer denúncia à Justiça, se for comprovado o dano ecológico”, informou a delegada.

EXPLORAÇÃO AUTORIZADA

À tarde, um agente florestal do Ibama iniciou uma vistoria na área degradada e nas fábricas. A primeira constatação do agente Aldir Pereira Silva, 52 anos, surpreende. Ao chegar a documentação da cerâmica

Fotos: Jefferson Rudy



O fazendeiro Henrique Pinto chegou a se acorrentar em frente à prefeitura de Planaltina de Goiás em protesto contra a degradação do meio ambiente, que ele mostra na cratera deixada pelos exploradores

Moreira, ele verificou que a empresa tem licença para exploração da área e que o uso da argila foi permitido com base em um relatório de controle ambiental. A extração do recurso natural foi autorizada pela Fundação Estadual do Meio Ambiente de Goiás (Femago) e pela prefeitura.

Ao se referir a outra cerâmica, a Milbom, Aldir Pereira lembrou que a firma recebeu um “auto de infração simbólico” em agosto de 1997 por estar sem a documentação exigida. Um funcionário da indústria, Péricles Zilmer, 29 anos, disse ao agente do Ibama que a situação já foi regularizada e que aguardava somente a chegada do dono da empresa — Paulo Eugênio de Souza —, que está em São Paulo, para mostrar os papéis.

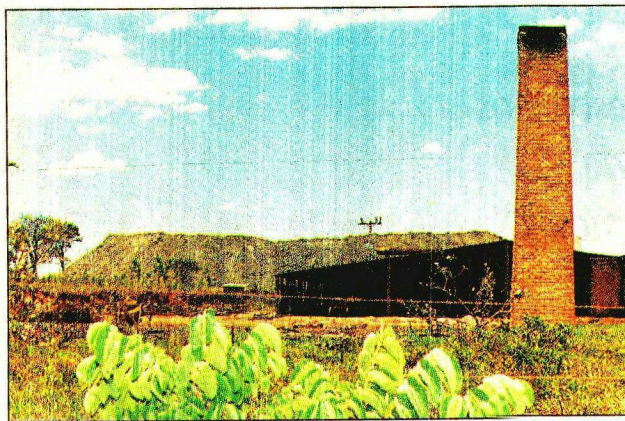
A existência da documentação não exime as indústrias de responderem por crime ecológico. Segundo Aldir Pereira, isso poderá ocorrer

se for comprovado que elas não estão contribuindo para a manutenção do meio ambiente, compromisso que assumiram ao obter as licenças de exploração. “Faremos uma vistoria para verificar se estão restringindo suas atividades às áreas limitadas pela Femago e se estão cumprindo a exigência de recuperação do solo e da vegetação”, antecipou o agente florestal.

LEITO SECO

Ao visitar uma das crateras formadas pela retirada de argila, Aldir Pereira constatou que, no mínimo, um dos compromissos de preservação está sendo ignorado. “A Femago determinou que os espelhos d’água seriam mantidos e aproveitados para piscicultura”, disse, pisando o leito convertido em solo seco e rachado. “Há uma extensa área descoberta.”

Na opinião de Aldir, as indústrias



A Cerâmica Moreira tem licença para explorar e retirar a argila das margens da lagoa Formosa

não respondem sozinhas pela agonia da Lagoa Formosa, cuja parte maior é a única fonte de lazer e turismo da empoeirada cidade. O manejo de terras para a agricultura e o uso indiscriminado de agrotóxicos diminuem e envenenam os cursos d’água que a alimentam. “O desenvolvi-

Ele lembrou que a lagoa contribui para a formação do Rio Maranhão, afluente do Rio Tocantins que fornece água potável aos habitantes de Planaltina de Goiás. “Se a lagoa secar, não vai ter água para abastecer a cidade”, previu.

Não é de surpreender que a morte

mento tem que vir, mas com ética”, opinou o agente.

A ameaça preocupa o presidente da Associação de Moradores da Lagoa Formosa (Amolagoa), o delegado aposentado Natalino Avelino de Souza, 55 anos.

da lagoa esteja sendo precipitada sem interferência do poder público. Até cinco meses atrás, a prefeitura não contava com um departamento municipal de meio ambiente. Para o primeiro responsável pela repartição, Milton Braz, 40 anos, há pouco o que fazer. “Fazemos fiscalização, mas, se a empresa tem autorização da Femago, nosso trabalho termina aí”, admitiu, revelando a impotência da prefeitura.

No vácuo das decisões, surgem políticos. Em seu terceiro mandato, só agora o vereador Adalberto Leonardo de Oliveira (PMDB) vem a público para se manifestar contra o desastre ecológico. Ele reclama de omissão da prefeitura atual, apesar de a exploração da argila ter iniciado na administração anterior, encabeçada pelo seu partido. “Não importa de que governo é a culpa, o importante é salvar a lagoa”, concluiu. Em Brasilinha, sobra saliva e falta água.